

Sonhar, quanto custa?

Fernando Pedreira

Parece ter chegado o momento de brasileiras e brasileiros empreenderem uma rápida reavaliação do seu acervo político e das perspectivas que ele oferece a curto e médio prazos. A Constituinte conclui, afinal, o seu desastrado périplo: o incêndio, que, durante 17 meses, consumiu tantas esperanças e tão poucas certezas, apaga-se. Resta agora o segundo turno: o rescaldo, a cargo dos bombeiros do "Centrão".

As datas das eleições — municipais, presidenciais, estaduais e parlamentares — estão devidamente marcadas, e o mandato do presidente Sarney deixou de ser uma incógnita (para o país) e uma angústia (para ele próprio e para seus amigos de S. José do Pericumã).

As duas posições políticas que dominaram a cena brasileira ao longo dos últimos doze meses, portanto — a dos que defendiam a permanência do chefe do governo e a dos que queriam abreviar-lhe o mandato para eleger logo o sucessor —, perderam ambas o sentido e a razão de ser. Sarney fica. Até 15 de março de 1990, a República naufraga ou salva-se com ele. Já não há alternativa.

Salva-se? O mais curioso é que aparecem hoje indícios de que isso não é impossível. O governo Sarney, no esforço final para manter-se na sela, acabou encontrando os trilhos que deviam ter sido, desde o início, naturalmente os seus: a prudente mediania, o senso comum, um conservadorismo sensato e pálido, como convém a um governo de transição, que não foi eleito.

Antes assim. O presidente, que se tinha entusiasmado, a princípio, com as altas cavalarias do ministro Funaro e, depois, com os exercícios escolares do professor Bresser, entregou-se afinal, com alívio, ao arroz com feijão do sertanejo Mailson. Aos poucos, as coisas reentram nos eixos. Voltamos ao FMI. O acordo com os bancos estrangeiros, que Delfim Netto havia preparado e que Tancredo ia fechar em abril de 1985, é enfim assinado, três anos depois.

Areja-se a política industrial e arredonda-se a de informática. Santa mediocridade! De fato, talvez seja exatamente aí que melhor se revelam os méritos de um governo que encontrou sua verdadeira imagem. Na pasta da Ciência e da Tecnologia (assim como na da Reforma Agrária), mais vale um ministro medíocre e fraco do que um brilhante e obstinado na defesa de suas idéias...

Na verdade, por estranho que pareça, a República corre hoje o risco de salvar-se porque o governo Sarney, o governo da Nova República, é cada vez mais o governo da Arena. Uma Arena que se livrou do PDS malufista para melhor engolir o PMDB ou, quando menos, a sua parcela maior e mais ávida de poder (ou mais nostálgica das suas alegrias) — desde o paraibano Gadelha e o cearense-pernambucano Arraes, até os paulistas Ulysses e Quércia.

Completa-se assim, nas mãos de uma Arena renascida (e confirmada pelos votos da grande maioria da Assembléia Constituinte), a obra que o general Geisel iniciou há 14 anos. Por menos inspirador e exaltante que seja o seu ministério, nenhum brasileiro no seu juízo perfeito deixará de louvar o doutor Sarney, em março de 1990, se até lá ele usar do tempo que lhe resta para repor algum bom senso nos negócios da nossa bagunçada República — ainda que continue, como parece ser do seu incoercível hábito pericumânico, a proteger e a encaminhar generosamente na vida os seus numerosos amigos e colegas de fardão e de letras.

A continuidade, pois, aparenta estar razoavelmente garantida pela renascida Arena. Mas, e a descontinuidade? Que vai ser de nós quando o doutor Sarney deixar a presidência? Quem vamos eleger para substituí-lo? Eis aí perguntas que não encontram resposta fácil ou pronta. A alternância no poder, entre homens, partidos e tendências, é uma saudável norma republicana. Mas, como prover essa desejada alternância se o quadro pífio e desalentador que emoldura o atual governo é rigorosamente o mesmo, em todos os quadrantes políticos e partidários?

Política é como nuvem — costumava dizer o mineiro José Magalhães Pinto. Muda com o vento. O que parece agora uma modesta cabeça de burro pode ser, daqui a instantes, uma imensa catedral gótica, com as torres mais altas douradas pelo sol poente.

Sonhar não custa e, neste sentido, estão mais que certos o senador Fernando Henrique e seus amigos. Vamos ter três anos seguidos de eleições. As mais importantes, as que podem mudar (ou manter) a face e os destinos da República, serão as presidenciais de 89 — já que permanecemos teimosamente presidencialistas. Mas muito se enganam os que pensam que a sorte já está lançada e que as linhas do quadro atual podem facilmente manter-se numa situação tão pouco estável e tão complexa quanto a nossa.

As mais longas caminhadas, diz o ditado chinês, começam pelo primeiro passo. O primeiro passo, decisivo, já ao alcance da mão (ou do pé) dos políticos, são as eleições municipais de novembro — muito especialmente as que vão indicar os novos prefeitos de S. Paulo e das outras grandes capitais estaduais.

A sorte dos principais candidatos à presidência joga-se nessas eleições municipais. Newton Cardoso precisa ganhar em Belo Horizonte e nos maiores municípios mineiros. Brizola não se pode permitir uma segunda derrota do seu PDT no Rio e no Rio Grande do Sul. Em S. Paulo, a vitória de Sílvio Santos fortaleceria Jânio contra Quércia. Se o governador não puder fazer os prefeitos da capital e dos grandes municípios paulistas, sua candidatura esvazia-se.

As eleições de novembro são decisivas para Jânio, Brizola, Cardoso e Quércia, mas são ainda mais importantes para os que procuram opções novas, menos marcadas pelo ranço da demagogia, do populismo ou da corrupção pura e simples.

De fato, a vitória de um candidato como Antônio Ermírio, em S. Paulo, por exemplo, abalaria as estruturas estabelecidas, faria surgir, no plano nacional, uma expectativa nova, um novo caminho que hoje parece vedado ou inexistente à grande maioria dos eleitores.

Sonhar, quanto custa? A resposta final, numa democracia, quem dá são sempre as urnas. Mas é preciso fazer-lhes a pergunta certa. Se brasileiras e brasileiros, em busca de um novo presidente, partem do pressuposto que, em eleições populares, os demagogos são imbatíveis, então... eles serão mesmo imbatíveis. Animo, senhores.